

Letrário**editora*

O Fim da Linha

Vanda Luiza

Maio de 2011



Senti quando o avião começou a reduzir a velocidade e a baixar a altitude. Olhei pela janela e comecei a reconhecer as cores da terra tantas vezes vista do alto, em tantas outras viagens realizadas. Relembro o verde que se mistura a grandes extensões de água, formando desenhos vivos que brilham ao sol. Mas não sinto alegria, a expectativa das vezes anteriores não está presente dessa vez. O peito está apertado, a angústia me consome pelo que me espera ao chegar ao aeroporto. Dias atrás, um telefonema da família: “Seu pai sofreu um AVC (eu nem sabia o que era, aí tive a explicação – é um acidente cardiovascular, que anos atrás era chamado derrame). Foi um choque duro. Depois veio mais: “Ele está internado há oito dias e com o lado direito paralisado. Acho que você devia vir, todos estão ajudando, essas coisas...”

Agradei e confirmei a ida. Desliguei o telefone e fiquei um tempo tentando organizar os pensamentos, que pareciam um vendaval na minha cabeça. Tinha de ir, isto era indiscutível. O marido desempregado, eu sem saber fazer nada, um dos filhos estudando em faculdade particular e a manutenção da casa gastando a poupança economizada a duras penas, por anos e anos. Mas eu tinha de ir. Não foi possível conseguir o voo de imediato. Na época era bem complicado. Três dias depois consegui e liguei para avisar a hora. Fui avisada de que meu pai teria alta no dia seguinte à minha chegada. Tudo acertado, deixei marido e filhos e aqui estou, a terra cada vez mais perto, vejo os carros na BR, as casas, pessoas, as árvores, a cidade em que fui criada e logo o rio, tão grande, inchado de tanta chuva, extravasando suas margens. O avião desce, desembarco (vontade de voltar para dentro do avião e pedir: “quero voltar, não sei o que me aguarda nem como está meu pai de verdade; aliás, eu tenho medo é da verdade.”). O coração bate loucamente, minha boca está seca.

Pego a mala na esteira e corro os olhos pela multidão ansiosa que espera por parentes, amigos, e logo avisto meu irmão, que é mais alto que todos, fácil de achar. Vejo seu aspecto cansado, o olhar triste, os cabelos

brancos e fraquejo. Mas tenho de seguir. Abraço apertado e logo pergunto tudo, quero saber a verdade: graças a Deus não mentiram para mim. Meu pai terá alta no outro dia mesmo, todos se organizaram para ficar com ele no hospital (ele ficou violento e precisou de acompanhante mesmo, bateu em enfermeiras, jogou coisas). A alta está confirmada.

Pergunto pela nossa mãe: “Ah, nem pergunte, a mãe está dando mais trabalho que teu pai”. Falei: “Isto não espanta. Podes me levar para o hospital? Quero ver o pai e ficar com ele à noite. Amanhã resolvo a alta e vocês descansam. Vamos ver a mãe, comer alguma coisa, pode ser?” Acertamos tudo. Vimos nossa mãe e rumo ao hospital. A viagem de avião foi cansativa, durou o dia inteiro entre as conexões e chegamos ao hospital à noite. Sinto o cansaço das horas nos aeroportos, toda a tensão acumulada, mas não posso desabar. Rever meu pai nessa situação, após dois anos de ausência, é doloroso. Um homem tão forte, esbelto, sem um grama de gordura e nem rugas no rosto. Só os cabelos branquinhos. Homem ativo, com uma força física espantosa, sempre bem informado.

Enquanto sigo pelos corredores, espio as portas abertas e vejo ali as faces do sofrimento e o coração apertado de novo. De repente meu irmão diz: “É aqui.” Entro numa enfermaria e logo em frente à porta vejo um paciente no leito e levo um susto. “Meu Deus, é o meu pai?” Estava irreconhecível. Meu irmão me abraça, entende minha confusão e avisa: “Teu pai está no outro lado”. Que alívio! Seria o fim eu não reconhecer meu próprio pai! O quarto não era grande, mas havia seis camas, só uma desocupada (horas depois ela receberia um doente). Finalmente vejo meu pai, eu o reconheço como aquele que cuidou de mim, sempre tão forte e que agora precisava de sua filha. Segurei a emoção e afivelei a máscara de um sorriso, segurando as lágrimas – devolvi uma por uma para dentro dos meus olhos. “Paizinho, o que foi isso? Como estás?” Ele olha para mim admirado,

sem entender direito. Daí, faz cara de quem não gostou e diz, com os olhos baixos: “Para que foram te avisar, eu não queria...”

Mas eu sei que lá no fundo ele queria. Abraço meu pai, feliz agora de verdade, porque ele me reconhece, está falando e consciente. Ao lado da cama está uma sobrinha, que me abraça e começa imediatamente a me dar as instruções básicas, já que eu ficaria como acompanhante. “Informações demais”, penso apavorada, “acho que não vou lembrar”.

– Virar meu pai a cada meia hora e passar óleo de benjoim, para não dar escaras.

– Oferecer água ou suco, o quanto ele aceitar.

– Colocar a comadre se ele quiser fazer xixi.

– Trocar a fralda. (Meu pai usando fralda, é muito triste.)

– Os remédios.

– As refeições etc.

A sobrinha se despede (tem marido e filhos para atender em outra cidade), eu agradeço os cuidados com meu pai e peço que ela venha no dia seguinte para que eu possa resolver a alta. Estou só agora e nunca cuidei de uma pessoa idosa, só de meus filhos e há tantos anos... É diferente cuidar de um bebê e de um idoso. A criança é uma promessa, é todo um futuro que projetamos com alegria. O idoso é o pós-futuro, é o fim. As alegrias são

mínimas, o corpo em decadência, a teimosia, a revolta com a impotência e as limitações, as lembranças do tempo com saúde, tudo exige um esforço redobrado de quem cuida. Sentia todos os sentimentos de meu pai em ondas que me envolviam pesadamente.

Senti a vergonha em deixar que eu, sua única filha, cuidasse de seu corpo maltratado, visse sua intimidade. Tudo isso era doloroso para nós dois, e ele desviava os olhos envergonhado, e eu tentava fazer tudo com gentileza, embora de forma desajeitada. Cumpri as tarefas iniciais e sentei na única poltrona do quarto, ao lado da cama, que foi minha companheira na noite tão longa. Um calor insuportável, mesmo com as janelas abertas. De tempos em tempos chegava uma enfermeira para atender os doentes e vi que eu aliviava suas tarefas de certa maneira. Chegou a hora da janta, e consegui que meu pai comesse alguma coisa. Então vi um dos homens (eram todos idosos), no leito próximo. Foi assustador, vi a morte na sua feição. O rosto encovado, olhos fundos, quase opacos, em meio à olheiras escuras. O corpo estendido, quase imóvel, a boca muda. Um dos outros viu o meu olhar e disse: “Ele não fala, e quase nunca recebe visitas.” Fiquei triste com o comentário e ensaiei um sorriso, pois estávamos bem próximos. Então percebi que ele estava revolvendo um pedaço de carne na boca quase sem dentes, que a enfermeira tinha dado a ele. Engoliu com dificuldade, mas com gosto e conseguiu pegar mais um pedaço que estava no prato. Nisso, o pedaço caiu ao chão. Levantei para pegar e jogar no lixo. Foi então que o homem olhou para mim como se pedisse alguma coisa. Não entendi o que era. Um dos homens falou então: “Dá pra ele assim mesmo, ele quer e não vai fazer diferença...” O homem continuou olhando para mim, uma força estranha no olhar de súplica que me estraçalhou. Eu juntei e levei o pedaço até sua boca. Feliz, ele comeu o pedaço, os olhos calmos postos em mim.

Na semana seguinte precisei ir ao hospital levar exames para o médico, e soube que o homem havia morrido um dia após a alta de meu pai.

Fim



Letrário* *editora*

Az. Torre do Fato, 2 A, 1600-298 Lisboa
http://www.letreiro.pt/1_pt/900/9002.htm
+ 351 21 711 20 20
letreiro@letreiro.pt